

## QUANDO O TENENTE GLAHN FOI À GUERRA: O ATENTADO EM OSLO (2011)

*When the lieutenant Glahn went to war: The attack in Oslo (2011)*

Gabriel Fernandes Rocha Guimarães  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
✉ gabrielfrg@bol.com.br

**Resumo:** O texto a seguir discute o tema da extrema direita na Europa, tendo como ponto central o atentado cometido em Oslo em agosto de 2011, por um extremista de direita, quando 77 pessoas foram mortas. Procuramos defender a ideia de que o crescimento da extrema direita é um fenômeno mais contra a globalização do que a multiplicidade de culturas, desde que estas culturas tenham suas próprias bases territoriais.

**Palavras-chaves:** Europa; ideologia; multiculturalismo.

**Abstract:** The following article discusses the issue of the far-right in Europe, having as a central point the attempt carried in Oslo, in august 2011, by a far-right extremist, when 77 people were murdered. We try to defend the idea that, the growing power of the extreme right is more a phenomenon against the globalization, than against the multiplicity of cultures, since the later have their own territorial basis.

**Key words:** Europa; ideology; multiculturalism.

No dia 22 de julho de 2011, o norueguês Anders Behring Breivik tentou assassinar o Primeiro Ministro de seu país com um atentado a bomba em um prédio do governo, matando sete pessoas. Em seguida, ele se dirigiu para a ilha de Utoeya, próxima da capital Oslo, onde ocorria um grande encontro da juventude do Partido Trabalhista norueguês. Lá, vestido de policial, Breivik fuzilou dezenas de jovens, a sangue frio, fazendo com que os dois ataques juntos somassem setenta e sete mortos. Após ser preso, Breivik afirmou que cometeu esse atentado por causa de uma simples, mas urgente, necessidade: a luta contra a esquerda multicultural. Afirmou, também, que seu ato realmente foi cruel, mas, infelizmente, necessário. Breivik conclamou os

povos “nativos e originários” da Europa a lutar contra as múltiplas minorias não europeias que, cada vez mais, ocupam as capitais do continente. O jovem ainda afirmou que os povos “indígenas nórdicos” não podem perder seus valores culturais, seus usos e seus costumes, sendo a miscigenação e a integração as bases sociais da decadência e da corrupção. Desta forma, o multiculturalismo seria o grande perigo que ronda a nação do norte.

Entretanto, à primeira vista, as ações de Breivik e seu discurso parecem apresentar enormes ambiguidades. A primeira é o fato de ele, em um ato declaradamente antagônico aos elementos estrangeiros, ter dirigido seus ataques a um elevado número de jovens “nativos” da Noruega, ainda que entre os mortos também houvesse muitos estrangeiros. Esta ambiguidade não é tão nebulosa, uma vez que Breivik culpou o Partido Trabalhista por permitir a entrada de imigrantes, especialmente muçulmanos, em seu país. Seu ataque se dirigiu ao governo social-democrata e às suas bases sociais e partidárias presentes na ilha de Utoeya. Ainda assim, muito se especulou, com relação aos motivos pelos quais ele atirou em noruegueses nativos – ainda que do partido trabalhista – e não apenas em estrangeiros.

Outra ambiguidade consiste em haver um forte elemento antimuçulmano em seu discurso, Breivik, embora tenha atirado em muitos muçulmanos em Utoeya, não direcionou seu ataque exclusivamente a eles. Se assim tivesse sido, provavelmente ele teria cometido seus atentados em centros exclusivamente islâmicos como mesquitas e centros de orações, preservando possíveis vítimas norueguesas e mesmo imigrantes não muçulmanos.

Entretanto, uma terceira ambiguidade parece ser ainda mais inquietante, pois não foram os imigrantes os primeiros a tornar a Noruega uma nação multicultural, mas a minoria Lapã, originária dos montes Urais, que habita o extremo norte da Europa, em áreas que se estendem por Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia. A integração dos Noruegueses com os Lapões nem sempre

foi pacífica, como mostra o cinema nacional daquele país em filmes como *Ofelas* (1987) e *A revolta de Kautokeino* (2009). Os líderes lapões mortos durante a Revolta de Kautokeino, ocorrida em 1852, só tiveram direito a um funeral digno em 1997. A partir dos anos 80 e 90, os lapões começaram a adquirir reconhecimento de seus valores, língua e particularidades culturais. Então fica a pergunta: porque Breivik não descarregou seu ódio às diferenças culturais nos lapões? Ou mesmo: porque outros noruegueses nacionalistas não o fizeram antes? Seria possível ainda questionar por que a extrema direita norueguesa não se fortaleceu naquele momento, e sim nos dias atuais. A questão é que os Lapões são uma minoria, em boa medida imersa na tradição, e com bases territoriais não urbanas, vivendo em uma região própria, não se convertendo em guetos urbanos de tendências supostamente mais “desenraizadas”.

O caso de Breivik ilustra a problemática de minorias sem base territorial agrária, de forma que não podem obter autonomia nem um reconhecimento que possa se materializar em instituições político-territoriais e administrativas concretas. Essas múltiplas minorias, além do mais, ao partilhar os mesmos espaços urbanos de interação face-a-face criam, aos poucos, novas configurações sociais, distanciando-se de suas culturas de origem, porém, sem serem integradas plenamente à cultura nacional nativa que os recebe. Desta forma, a própria ideia do que seriam as culturas minoritárias torna-se confusa, uma vez que elas se misturam, criando redes sociais inter-étnicas e aproximando mais de nichos sociais cosmopolitas urbanos e globalizados, portadores de práticas observadas em boa parte dos grandes centros urbanos do mundo. Neste caso, o reconhecimento, não podendo se converter em autonomia político-territorial, fica restrito a um imperativo moral exercido estritamente no plano da inter-subjetividade e direcionado às maiorias nacionais. O problema torna-se mais complicado quando algo assim acontece, porque setores nacionais mais apegados a seus valores, sua identidade, e sua

auto-imagem como nação, podem interpretar tal imperativo como insuportável e desintegrador de seus laços e solidariedade sociais tradicionais. Talvez, aqui esteja a explicação do crescente apoio eleitoral aos partidos nacionalistas de direita, na Noruega. Dessa maneira, parece necessária uma revisão de paradigmas analíticos como multiculturalismo e teoria do reconhecimento, que aparentam não distinguir a diferença entre minorias portadoras de territórios específicos e baseadas na tradição, e configurações sociais urbanas polissêmicas, mais típicas da contemporaneidade, e distantes da “aldeia original”, do cidadão moral “rousseauiano”, seja de seus países de origem, seja da nação anfitriã.

Breivik fez essa distinção, ao direcionar seus ataques aos seus próprios concidadãos, que, ao defender os direitos de levadas de imigrantes vivendo em Oslo, foram vistos como arautos de um mecanismo de desenraizamento dos valores originais do povo nórdico, e não a minorias étnicas tradicionais habitantes do norte escandinavo. Seu ataque direcionou-se antes ao núcleo da sociedade de massas contemporânea que ao pluralismo cultural propriamente dito, uma vez que o reconhecimento dos lapões foi o passo inicial para transformar a Noruega em uma nação, em certa medida, multicultural.

Na verdade, Breivik apresenta uma espécie de radicalismo “herderiano”. Johann Gottfried Herder, filósofo romântico alemão dos séculos XVIII e XIX, e importante figura intelectual na formação da identidade alemã (sendo considerado por muitos autores ao embrião da ideologia nazista), afirmava que cada cultura detém valores e costumes idiossincráticos, portadores de sentido quando operacionalizados entre seus próprios membros. As diversas culturas seriam portadoras de uma lógica própria, não sendo acessíveis a uma lógica universalista baseada na razão iluminista. O próprio Herder ao buscar os elementos mais originais da identidade alemã, direcionou-se às comunidades agrárias da região da floresta negra, que para ele, portariam valores contrários aos das cortes europeias,

mais urbanas e cosmopolitas, e centros do iluminismo importado da França. Também portariam uma forma de coletivismo contrário ao espírito economicista e capitalista do mundo anglo-saxão, em particular inglês e norteamericano. É bom lembrar que o culto herderiano das comunidades rurais, embora tenha criado os elementos simbólicos da congruência entre o “sangue o solo”, e do violento nacionalismo étnico alemão, em muito foi além do território europeu, tendo sido grande influência para Gandhi, no processo de independência da Índia, assim como para diversos nacionalismos oriundos do mundo árabe. Herder afirmava que os nichos sociais urbanos e cosmopolitas seriam um erro de percurso da História humana, devendo passar por algum processo de correção. No mundo cosmopolita moderno, as diversas culturas humanas entrariam em um processo de inter-penetração tal que perderiam o seu sentido original, mergulhando seus membros na anomia social.

Desta forma, pode-se afirmar que não apenas Breivik, mas a extrema direita norueguesa e europeia em geral, teria bases ideológicas herderianas, uma vez que seus discursos são claramente contrários à globalização, não apenas econômica, mas também social. O ataque de Breivik visou minorias que compunham um conjunto social fora do conceito “herderiano” de cultura, preservando aquelas minorias não-germânicas mais próximas dele, os lapões. O fato de a extrema direita na Noruega ter crescido frente a um aparente processo de globalização social de bases urbanas, e não a uma cultura minoritária portadora de bases rurais e territoriais, e, em certa medida detentora de suas idiossincrasias culturais, mostra o peso do pensamento de Herder e do romantismo germânico no continente europeu, e na constituição das ideologias da extrema direita. É interessante notar que as origens do que hoje é conhecido por multiculturalismo, estão no próprio Herder, uma vez que ele defendia o direito de existência a qualquer cultura humana, desde que esta preservasse os seus valores culturais originais e não passasse por um

processo de desenraizamento. Porém, para o filósofo romântico, a idéia de cultura estaria ligada a nichos sociais tradicionais, contrários aos nichos sociais urbanos e cosmopolitas, tornando necessária a revisão do conceito de multiculturalismo e sua aplicabilidade a minorias não tão imersas na tradição.

O gosto pela vida bucólica no campo e pela caça mostram o apego de Breivik às origens de seu povo e à identidade camponesa dos noruegueses. Neste ponto ele se assemelha muito ao Tenente Glahn, herói literário de Knut Hamsun, escritor dos séculos XIX e XX que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1920, por seu livro “Os frutos da terra”, sendo considerado um dos principais estruturadores da identidade cultural norueguesa. Nessa obra, Hamsun relata a saga de uma família de agricultores noruegueses na conquista do norte da Escandinávia, terra inclusive, dos lapões. Suas obras são marcantes no elogio da vida rural, e na crítica da sociedade urbana cosmopolita, em particular a norte-americana, o que, assemelha muito seu pensamento ao de Herder. O Tenente Glahn, principal personagem do livro Pã, era um guarda florestal que vivia em uma rústica cabana nas montanhas, passando o tempo em longas caminhadas nos bosques e na caça de aves silvestres. Olhava com inquietação para os habitantes de Oslo (na época Cristiania) que, orgulhosamente, diziam que iriam à “Europa” quando viajavam para as cosmopolitas Londres ou Paris. Note-se que o que era considerado a Europa naquele período estava em boa medida, no mundo urbano detentor dos valores universais provenientes do classicismo, representados, sobretudo, por Inglaterra, França e Itália, e não necessariamente o mundo dos “loiros nórdicos”.

Desta vez a inquietação do “novo” Glahn foi elevada a níveis extremamente mais perigosos, uma vez que o cosmopolitismo não mais estava nas distantes Paris, Londres ou Milão, mas na sua Oslo, ocupada por uma suposta massa humana desenraizadora, levando-o a um ato de violência sem precedentes no pós-guerra, em seu país. A luta pela especificidade cultural, e